

O Prefeito pediu desculpas

Aconteceu no camarote da Prefeitura numa noite de desfile de escolas de samba. Eduardo Paes caprichou numa simpática reverência e se ajoelhou em frente à minha mãe, pedindo desculpas. Ela riu da brincadeira e perdoou. Meses antes, ele havia atacado pesadamente a Light e pessoalmente a mim, então presidente da companhia, num cáustico pronunciamento público. Depois do ataque, numa reunião na Prefeitura em que ficou tecnicamente patente a injustiça do pronunciamento, Paes me pediu desculpas. Respondi que sim, o assunto estava resolvido, mas que não esperasse o perdão da trinca formada por mãe, esposa e filha. Essas nunca mais votariam nele. Nas vésperas do Carnaval, Paes me convidou para o camarote, com a condição que me fizesse acompanhar pela trinca. Aceitamos e o teatral pedido de desculpas transformou fel em mel.

Eduardo Paes é habilidoso e, acredito, conseguirá navegar no mar de problemas do município. Poderá apresentar resultados em curto prazo, apenas com choque de gestão. Por exemplo, recuperar os BRTs, estabelecer parcerias com o setor privado para aumentar a quantidade e a atratividade dos albergues municipais, ou cobrar maior vigor da guarda municipal na repressão de pequenas infrações, do tipo desrespeito à lei do silêncio. Metas mais ambiciosas, como revitalizar o Centro ou finalizar o Corredor Transbrasil, necessitarão de prazos mais dilatados.

Sobre albergues, que tal fazer uma pesquisa com o público-alvo para descobrir como diminuir o número de desabrigados que dormem ao relento? Garantir banho e jantar? Admitir cães? Permitir que cada indivíduo tenha um pequeno armário que possa chamar de seu?

Claro, o aumento da mendicância é apenas sintoma da crise econômica, que causa desemprego na escala nacional. Porém, de forma mais aguda no Rio. Nossa anomia tem induzido cariocas que tiveram o privilégio de uma boa educação a procurar outros lugares para viver e empreender.

O município só conseguirá sair desse atoleiro se agir coordenadamente com o governo estadual. É preciso, por exemplo, resolver o saneamento na escala metropolitana e não na municipal. Afinal, a poluição da Baía da Guanabara tem origem no esgoto de todos os municípios de seu entorno e não apenas do Rio de Janeiro. É preciso que a inoperância do Estado nas comunidades comandadas pela milícia ou pelo tráfico se transforme em presença atuante não apenas da polícia, mas também dos prestadores de serviços públicos.

Nessas comunidades há em geral um “empreendedor local” que furta água ou eletricidade da correspondente concessionária e, por meio de precárias gambiarras, torna o serviço acessível à população. O consumo per capita tende a ser maior do que na cidade formal porque as perdas, tanto de água quanto de eletricidade, são significativas. Como o pagamento pelo serviço (se houver) não depende do volume consumido, poucos se preocupam em usar água ou eletricidade parcimoniosamente.

A concessionária de saneamento de São Paulo (Sabesp) tem uma bem sucedida experiência de contratação de pequenas empresas para a troca de gambiarras por redes tecnicamente dimensionadas, de preferência com o uso de mão de obra local. O lucro dessas empresas depende não apenas da correta execução das obras, mas também da permanência nas comunidades por alguns anos, atuando na mudança da cultura local. É preciso demonstrar na prática que é preferível pagar a tarifa social à concessionária por um serviço corretamente prestado do que pagar ao “empreendedor local”, ou receber supostamente de graça, por um

serviço de péssima qualidade. Cabe à administração municipal assegurar que esses moradores sejam elegíveis para pagar a tarifa social, bem mais barata que a comum.

Boa sorte, Prefeito!

Jerson Kelman é professor da COPPE-UFRJ. Foi presidente da Light e da Sabesp

Publicado em O Globo em 24/12/2020

05:52 Quinta-feira 24 de dezembro

97%

O GLOBO Quinta-feira 24.12.2020

Opinião | 3

102 Fernando Cabral, Davison Miguel (aparar), Cezar Digen, Rosalva Dery & Dery (Brasil), Ana Maria Machado (Brasil), 103 Nival Pereira, Carlos Adolpho, Fábio Domingos (Brasil), José David
104 Nival Pereira, Cezar Digen, Zamboni Nogueira, Roberto Zilberstein (aparar), Luiz André (Brasil), 105 Nival Pereira, Augusto Chaves, Luis Fernando Soares, Carlos Alberto Sardenberg, 106 Nival Pereira, Fábio Digen, Eduardo Afranio (aparar), Rogério Figueiredo (aparar), Rosalva Dery
107 Nival Pereira, Sérgio Siqueira, André Faria (Brasil), Sérgio Siqueira (Brasil), Luis Fernando José (Brasil), David André (Brasil), 108 Nival Pereira, David Frazão, Fernando Melo (Brasil)



ARTIGO

O prefeito pediu desculpas

JERSON KELMAN



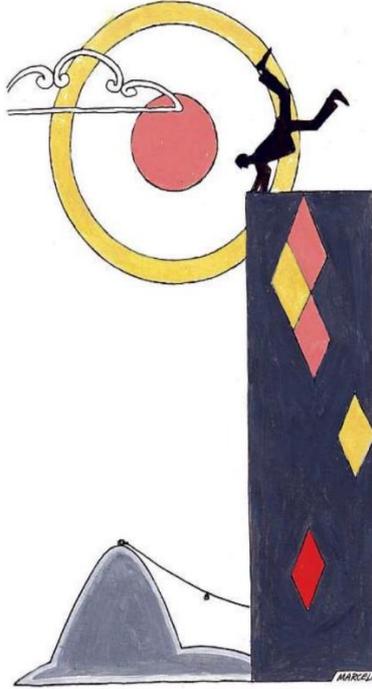
Aconteceu no camarote da prefeitura numa noite de desfile de escolas de samba. Eduardo Paes caprichou numa simpática reverência e se ajoelhou em frente a minha mãe, pedindo desculpas. Ela riu da brincadeira e perdoou. Meses antes, ele havia atacado pesadamente a Light e pessoalmente a mim, então presidente da companhia, num clássico pronunciamento público. Depois do ataque, numa reunião na prefeitura em que ficou tecnicamente patente e injusta do pronunciamento, Paes me pediu desculpas. Respondi que, sim, o assunto estava resolvido, mas que não esperasse o perdão da trinca formada por mãe, esposa e filha. Essas nunca mais votariam nele. Nas vésperas do carnaval, Paes me convidou para o camarote, com a condição de que me fizesse acompanhar pela trinca. Aceitamos, e o teatral pedido de desculpas transformou fel em mel.

Eduardo Paes é habilidoso e, acredito, conseguiu navegar no mar de problemas do município. Poderá apresentar resultados em curto prazo, apenas com choque de gestão. Por exemplo: recuperar os BRTs, estabelecer parcerias com o setor privado para aumentar a quantidade e a atratividade dos albergues municipais ou cobrar maior vigor da guarda municipal na repressão de pequenas infrações, do tipo desrespeito à lei do silêncio. Metas mais ambiciosas, como revitalizar o Centro ou finalizar o Corredor Transbrasil, necessitam de prazos mais dilatados.

Sobre albergues, que tal fazer uma pesquisa com o público-alvo para descobrir como diminuir o número de desabrigados que dormem ao relento? Ganhar banho e jantar? Admitir cães? Permitir que cada indivíduo tenha um pequeno armário que possa chamar de seu?

Claro, o aumento da mendicância é apenas sintoma da crise econômica, que causa desemprego na escala nacional. Porém, de forma mais aguda, no Rio. Nossa anomia tem induzido cariocas que tiveram o privilégio de uma boa educação a procurar outros lugares para viver e empreender.

O município só conseguirá sair desse atoleiro se agir conscientemente com o governo estadual. É preciso resolver o saneamento na escala metropolitana e não na municipal. Afinal, a poluição da Baía de Guanabara tem origem no esgoto de todos os municípios de seu entorno, não apenas no Rio de Janeiro. É preciso que a inoperância do Estado nas comunidades comandadas pela milícia ou pelo tráfico se transforme em presença atuante não apenas da polícia, mas também dos prestadores de serviços públicos.



Nessas comunidades, há em geral um "empreendedor local" que furta água ou eletricidade da correspondente concessionária e, por meio de precárias gambiarras, torna o serviço acessível à população. O consumo per capita tende a ser maior do que na cidade formal porque as perdas, tanto de água quanto de eletricidade, são significativas. Como o pagamento pelo serviço (se houver) não depende do volume consumido, poucos se preocupam em usar água ou eletricidade parcimoniosamente.

A concessionária de saneamento de São Paulo (Sabesp) tem uma experiência bem-sucedida de contratação de pequenas empresas para a troca de gambiarras por redes tecnicamente dimensionadas, de preferência com o uso de mão-de-obra local. O licen-

dade dessas empresas depende não apenas da execução correta das obras, mas também da permanência nas comunidades por alguns anos, atuando na mudança da cultura local. É preciso demonstrar na prática que é preferível pagar a tarifa social à concessão, por um serviço corretamente prestado, do que pagar ao "empreendedor local", ou receber supostamente de graça, por um serviço de péssima qualidade. Cabe à administração municipal assegurar que esses moradores sejam elegíveis para pagar a tarifa social, bem mais barata que a comum.

Boa sorte, prefeito!

Jerson Kelman é professor da COPPE-UFRJ e foi presidente da Light e da Sabesp

VERISSIMO



opinioes.globo.com/verissimo
verissimo.artigo@oglobo.com.br

Bimbolem os sinos

É Natal! É Natal! Bimbolem os sinos. Navega em Camarot, onde monica nevou antes, um feliz prenúncio de coaccolização total da nossa maior festa, depois do carnaval e das pernas de fora da Ivete Sangalo. Tartaruguinhas recém-nascidas correm na direção do mar, não para seguir seu destino biológico, como se pensa, mas para fugir do governo Bolsonaro antes que seja tarde, acenando bandeiras verde e amarelas como beldades. Mas nem todos os estados unidos no novo Brasil das queimadas, do ministro do meio ambiente que cuida só do meio, porque o ambiente cuidará de si mesmo, e do ministro da saúde que ainda não decoreou o endereço do ministério. Chegam notícias inquietantes do nosso interior. Dizem que Papai Noel foi visto fazendo churrasco das renas na beira de uma estrada no Norte, sob a neve, e vendendo os presentes das crianças com desconto.

Mas é Natal! É Natal! Tudo se perdoa, tudo se esquece e tudo se justifica. O Brasil é o único país do mundo que é sua própria explicação. O único incomparável, pois só comparável a si mesmo, dispensando exemplos, metáforas e alusões vindos de fora. O único que se basta como autoparóia. Você, brasileiro amador que ainda não se entendeu, pode evocar o Brasil que quiser sem medo de exagerar: é só imaginá-lo que ele se torna verossímil. Quem, anos atrás, acreditaria num governo Bolsonaro? É no entanto aí está ele, governando ou coisa parecida, sem máscara, o incrível homem elástico que, diariamente, desmente a si mesmo e todo o mundo aplaude. Imagine o seguinte: o Rodrigo Maia é um dos dezesseis filhos do Bolsonaro, um parentesco que ninguém conhecia, o presidente nunca revelou. O desentendimento entre os dois é, na verdade, apenas um racha normal entre pai e filho. Impossível? No Brasil, "impossível" é apenas outro nome de "vamos ver".

É Natal, gente! É Natal! Um dia o país acordou e deu com o Planalto cheio de generais sem voto postos lá por um capitulo no meio da noite, o único golpe militar secreto da história dos golpes militares. Nem seu comportamento na tragédia da pandemia acabou com o mito da eficiência militar. Se um general não der certo, penha se outro nosso lugar, e que bimbolem os sinos.

CARLOS ALBERTO SARDENBERG



A farras dos privilégios

Em ofício, o diretor do STF, Edmundo Verdas dos Santos Filho, chegou a dizer que a vacinação de ministros e funcionários contribuiria "com o país" já que garantiria a "utilização dos recursos humanos e materiais disponíveis no Tribunal para ajudar a desafogar outras estruturas de saúde".

É ridículo ter que argumentar contra isso, mas, considerada a fonte, vamos lá. Há muitas outras categorias cuja vacinação contribuiria mais com o país. É é justamente essa regra que se utiliza em qualquer lugar do mundo quando se organiza a fila da vacinação. É óbvio que a reserva das primeiras doses vai para o pessoal da

meses, sem contar os recessos, são as moradoras.

Isso se refere não apenas ao STF, mas à alta cúpula do serviço público, que acha natural ter essas vantagens.

Refere-se também a uma elite política que acha absurdo que um prefeito, um deputado, um senador ou um ministro possam ser presos.

A demanda por privilégios vai, assim, do pedido de reserva de vacinas aos esforços para abafar o combate à corrupção.

Um prêmio para a Fiocruz, que deu uma lição ao STF: as vacinas

de dinheiro. Dinheiro público e da saúde.

Até há algum tempo, se dizia que a corrupção era pequena e apenas um problema moral. Errado. Primeiro, porque a Lava Jato mostrou o tamanho da corrupção aqui no Brasil e no exterior. Segundo, porque há uma estreita relação entre corrupção e ineficiência econômica.

Num ambiente corrupto, empresas que trabalham para governo corrupto — via contratos ou concessões — sabem que se ganha uma concorrência não por qualidade técnica, mas pelo valor da propina. Empresas sérias se afastam desses ambientes, como é o caso de muitas companhias e Organizações Sociais que desistiram de traba-